

## AMÉRICAS

PAÍS	Fundação (Data)	Efetivos	% Eleitoral	Observações
ARGENTINA	1921	80 000	2,4%	A ponto de transformar-se em partido de massa. Resultados eleitorais não significativos porque têm votado com os peronistas. 1 jornal. Proscrição reiterada em 1963.
BOLÍVIA	1921	5000	2%	Não isolado. 2 jornais.
CANADÁ	1922	3200	0,1%	Chama-se hoje "Partido Trabalhista Progressista". 1 jornal. Influência em 2 Sindicatos.
CHILE	1923	20 000	16%	Não isolado, numerosas coalizões. (Em 1963 — Abr — PCCh = 12,80% dos votos apurados) — 2 jornais. 20 de 192 cadeiras. Em agosto 64 fragorosa derrota do PCCh. Dos votos apurados conseguiu 39%.
COLÔMBIA	1930	10 000	—	Semi-ilegal. 1 jornal. Forte influência sindical.
COSTA-RICA	1930	300	—	Ilegal desde 1960. Influência sindical e professores. 1 jornal.
CUBA	1925	70 000	—	Ressurgiu com força desde Castro. Ainda não houve eleições. Forte influência.
CURACÃO	1925	600	—	
EQUADOR	1925	3000	1,5%	Ilegal desde golpe de julho 63.
ESTADOS UNIDOS	1921	10 000	—	Sem nenhuma influência direta. Somente a sovietafilia indireta funciona nos BUA, entre estudantes.
GUIANA INGLÊSA	—	15 000	—	Sem PC organizado. 2 jornais. 20 das 35 cadeiras da assembléia.
GUATEMALA	1950	1000	—	Tornado ilegal após a queda do Governo Arbenz (eb 1956, confirmado em 1963).
HAITI	1945	500	—	Ilegal desde 1948. Existe pequeno PC ilegal.
HONDURAS	1920	2000	—	Ilegal desde 1963. 2 jornais de tendência.
JAMAICA	—	1200	—	Cem PC organizado.
MÉXICO	1923	75 000	—	Computou-se também o "Partido Popular" de Toledano. Irradia-se largamente. Não apresenta candidatos às eleições (faz votar nos amigos).
NICARÁGUA	—	300	—	Ilegal desde 1945. Atividade estudantil.
PANAMÁ	1930	150	—	Ilegal. Atividade estudantil universitária.
PARAGUAI	1928	4000	—	Ilegal. 2 jornais clandestinos.
PERU	1929	10 000	—	Ilegal desde janeiro 61. Universidade infiltrada.
PÓRTO RICO	1934	3850	—	
REPÚBLICA DOMINICANA	1945	3000	—	Ilegal desde 1951.
SALVADOR	1925	500	—	Ilegal. Controlam a CGT, em decadência.
TRINIDAD E TOBAGO	—	—	—	Sem PC organizado. Tem um partido de fachada.
URUGUAI	1920	5000	2,6%	Não isolado como organização e apresenta irradiação ideológica. 1 jornal. Atividade sindical e estudantil.
VENEZUELA	1931	20 000	6,2%	Tem conseguido nuclear coalizões nas eleições. Está em rápido crescimento. Grande atividade. 1 jornal.
Total (Arredondado)	—	350 000		

## QUADRO MURAL:

- População russa: 200 000 000 de habitantes.
- PC Russo: 6 000 000 ou 3% de membros.
- População da América Latina: 225 000 000 de habitantes.
- PC da América Latina: 400 000 ou 0,2% de membros.
- Estados Unidos: 180 000 000 de habitantes.
- PC (EUA) 20 000 ou 0,01% de membros.

b. *Quadro — Exame do Quadro*

Examinando o Quadro, verificamos:

- 1) Não se pode ter um quadro absolutamente atual e exato, da situação dos Partidos Comunistas nos diferentes países da América.

Razões: { — ilegalidade da maioria.  
 — Falta de estatísticas — atraso.  
 — dificuldade — aqui — de mais meios de pesquisa.

- 2) Em todos os países da América há Partidos Comunistas.
- 3) É no Uruguai que se encontra o mais antigo PC.
- 4) Percentualmente — com relação ao número de eleitores — o mais numeroso, ou o que exerce maior ação eleitoral na vida do país, é o do Uruguai com 22% de conjunto eleitoral.
- 5) Os três maiores PC, são:

Venezuela — Petróleo — proximidade EEUU  
 Argentina — País grande e rico  
 México — Petróleo e proximidade EEUU

Segue-se o PC de

Cuba, hoje, por motivos óbvios.

- 6) Nos EEUU — país hoje alvo n.º 1 do PCUS, apenas 0,01%.
- 7) Finalmente, os Partidos Comunistas Americanos — de um modo geral — carecem de organização modelar e de disciplina rígida. Talvez o nosso caráter latino, a nossa instabilidade e nosso proverbial espírito de improvisação, de imediato, sejam responsáveis por essa frouxidão de laços partidários.

c. *Conclusões*

(1). Os partidos comunistas da Rússia e da China, têm seus olhos voltados para a América, não só porque aqui está seu maior obstáculo — os EEUU — como também porque a maioria dos países americanos constitui campo fértil à infiltração comunista, dadas em grande parte às suas condições de países sub ou não-desenvolvidos.

(2). Os países americanos — de um modo geral — estão sem defesa contra o comunismo. De um lado devido às grandes e chocantes contradições de seus regimes incipientemente democráticos. De outro, devido à reação de suas classes privilegiadas, que timbram em não aceitar menores lucros, não percebendo ou não querendo perceber que se trata até de uma questão de sobrevivência nacional, a eliminação daquelas contradições. Também concorre para a ineficácia da defesa, a ignorância da classe média e mesmo das elites políticas, com relação ao perigo comunista e os seus métodos de dominação universal.

(3). A influência da revolução brasileira na recente conferência da OEA realizada em Washington, que aplicou sanções econômicas e diplomáticas a Cuba e guardou a possibilidade de atuação militar, se preciso fôr.

#### 4. SITUAÇÃO DO COMUNISMO NO BRASIL

##### a. Antes da Revolução de 31 de março

##### (1) Esbôço histórico

Nasceu o PCB em 25 de março de 1922, num congresso de representantes dos diversos grupos comunistas que já haviam no País. Em seguida ficou clandestino, em virtude do estado de sítio que adveio por motivo da chamada *Revolta dos Tenentes*, no Rio, e que se prolongou até 1926. Em 1930, o PCB se absteve de participar, pois considerou o movimento "mero entrechoque de interesses ingleses e norte-americanos no Brasil".

— Em 1934, Prestes, que segundo consta, recusara o Comando do Movimento de 1930 por ser simpatizante comunista, se achava em Moscou e lá ingressou no PC.

Em agosto de 1934, o Komintern determinou a formação das *Frentes Populares*. Isto correspondeu no Brasil, à formação da ANL (Aliança Nacional Libertadora), por iniciativa dos comunistas. Prestes foi eleito presidente de honra. A agitação provocada pela ANL resultou em 24 de novembro de 35, na insurreição armada nos Estados do R. G. do Norte e Pernambuco, circunscrita a Natal e Recife, suas Capitais. Três dias depois sublevaram-se no Rio de Janeiro 3.º RI e a Es. Av. MILITAR. O movimento foi dominado.

— Dois anos depois, sobreveio o golpe de 10 de novembro de 37 que vigorou até 1945, quando em maio o PCB se tornou partido legal. Tinha então em sua fileira 4 000 membros.

— Nas eleições gerais de fins de 1945 obteve 600 mil votos para o candidato que apresentou à Presidência da República (Yeddo Fiuza, e que era 10% da votação total. Elegeu 14 deputados federais e 1 senador (Prestes). Nas eleições estaduais de 1946 elegeu na legenda do PSP mais dois deputados federais (Diógenes Arruda e Pedro Pomar), além de numerosos deputados estaduais e vereadores às Câmaras Municipais. As inscrições partidárias elevaram-se em pouco mais de um ano a quase 200 mil membros.

— Teve cassado, por fim, o seu registro eleitoral em maio de 1947 bem como o de todos os seus parlamentares, exceto os dois eleitos na chapa do PSP.

— A imprensa comunista, a despeito da ilegalidade do partido, continuou a funcionar. É a nossa eterna meia-sola nos problemas e nas soluções. Tal imprensa favoreceu a unidade na clandestinidade. Continuou fazendo propaganda.

— Em 1957 se deu grande cisão no PCB: As alas dos *Reacionários* e dos *Renovadores*, classificados de *Fechadistas* e *Abridistas* (favoráveis à discussão pública dos problemas do PCB), respectivamente.

— Liderava os renovadores Agildo Barata; os conservadores, Amazonas, Grabois, Pomar, Arruda, Mariguella, etc.

— Finalmente surgiu o *Pântano*, que era a corrente "em cima do muro" do PCB, com Prestes à testa.

— Em 1957, triunfou o *Pântano*, relegando os *conservadores*, ao ostracismo e condenando a atividade antipartidária dos renovadores. Estes constituem hoje a *linha chinesa*, isto é PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, em oposição ao

*Pântano*, chefiado por Prestes é que é o PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO da linha soviética.

— Essa invasão, na América, da linha chinesa, já representa um desafio à autoridade de Moscou e da própria internacional comunista. Com efeito, na mais importante das reuniões ultimamente efetuadas pela Internacional Comunista (Conferência de Representantes dos 81 Partidos Comunistas e Trabalhistas — Moscou 1960) resolveu-se que a *Operação América* passaria a ser dirigida exclusivamente por Moscou. Isso, aliás, já era convencionado desde o Congresso do Partido Comunista Francês, em 1959, no qual chineses e soviéticos debateram divergências e dividiram zonas de influência.

— Assim chegamos ao ano de 1963 quando a influência comunista se tornou franca, desabrida e tácitamente legal, de posse do Governo.

- (2) Organização do *Aparat* e da infiltração no Brasil. (Quadro 4.)
- (3) Situação e influência.

— Com um eleitorado certo de, aproximadamente 100 000 adeptos, o que é fraco (10 a 12% do eleitorado), mas contando com um *Aparat* altamente eficiente, o Partido Comunista no Brasil, a despeito das suas divergências, marchava para o poder. A tática das Pressões, a posse do Executivo, o assalto final ao Parlamento, nos fariam acordar, a qualquer momento, satélites vermelhos. E caindo o Brasil cairia a América do Sul e, a África, entre duas pressões, viria abaixo. Seria o toque de silêncio do mundo livre.

#### b. Depois da Revolução de 31 de março

- (1) O impacto da Revolução Democrática Brasileira, de 31 de março, desnorteou o comunismo no Brasil e incentivou nos países sul-americanos, principalmente, a sua luta anticomunista, manifesta através de atitudes de repúdio nas urnas e de reações políticas, ou mesmo armadas, que se possam dar.
- (2) Enquanto isso, as forças de esquerda se movem como sombras, “catalogando erros, anotando falhas para serem utilizadas no tempo oportuno”, numa arregimentação das forças dispersas.
- (3) A China Comunista pretende, embora com menores recursos que a União Soviética, e contrariando resoluções acordadas com esta última, “conduzir o novo plano de infiltração, contando, é óbvio, com um volume maior de recalçados políticos e descontentes no plano social”.
- (4) A *Linha Dura da Revolução* parece fazer com que ganhe corpo no Brasil, a *Linha Comunista Chinesa*, isto é o Partido Comunista do Brasil, pelo simples fato de muitos dos partidários da *Linha Comunista Soviética* — o Partido Comunista Brasileiro — terem se deixado envolver pelo mar de corrupção do Governo deposto.
- (5) Acentua-se um *Recuo Estratégico* por parte do comunismo no Brasil, para evitar que, o acirramento das idéias, venha a criar maiores dificuldades aos seus partidários e aos seus aliados.
- (6) Seguir-se-ão, não há dúvida, entre eles os *Expurgos*, ainda não caracterizados, mas fatais nos casos de fracassos como o de março no Brasil.



- (7) Há para o caso brasileiro, já, uma Diretriz Política do Comunismo Internacional, visando à nova situação. Nela estão contidas as "diretrizes básicas, as classes a serem aglutinadas e os objetivos a serem alcançados, prevendo-se, inclusive, como linha provável de ação a formação de grupos de cinco, a filtração nos quadros do Governo atual, o retorno do Governo deposto e a articulação dos grupos brizolistas". (Ver *fôlha da Tarde*, P. Alegre, 18 de setembro de 1964 — descoberta do *Plano Nacional de Rearticulação Comunista*, em mãos de estudantes que promoviam agitação estudantil em torno do expurgo do Ernani Fiori).

### c. Conclusão

- (1) Os aspectos essenciais básicos da ação comunista continuarão a ser os mesmos:  
— doutrinação ideológica e guerra psicológica  
— infiltração  
— movimentos de massa e guerra revolucionária.
- (2) As bases ainda serão:  
— a intimidação intelectual dos democratas pela criação de ambiente de descrédito para o anticomunismo, associando-o ao imperialismo americano ou classificando-o como reacionário e incapaz de auscultar as aspirações nacionais.  
— a chantagem do medo pelo silenciamento dos democratas, pregando uma retórica de repetição de jargões que hipnotiza as massas, mantendo clima de emoção, principalmente em face dos aspectos econômicos e sociais.
- (3) O povo brasileiro deve estar preparado para enfrentar permanentemente a atuação do comunismo internacional, expressa em ações seja de *Guerra Revolucionária*, no plano da *Guerra Fria*, ou que nome tenha, mas *Guerra Total* até o extermínio.

## 5. CONCLUSÕES GERAIS

### a. Situação estratégica

#### (1) Política (Quadro 5.)

- Eis os dois *Mundos* em presença. Sente-se o equilíbrio dos dois Pólos.  
— Em muda expectativa, aí estão América do Sul e África, onde se decidirão, quiçá, os destinos da Humanidade. Justamente nessas áreas se exerce com evidência o Esforço comunista: na América do Sul, tirando partido das pressões sócio-econômicas que têm submetido o jovem continente meridional a condições de subdesenvolvimento, em determinadas regiões, e de não-desenvolvimento em outras; na África, aproveitando os anseios de libertação e independência que sacodem o continente negro, e que se somam às condições muitas vezes infra-humanas das suas populações e ao estágio primário das suas economias.

#### (2) Geopolítica (Quadro 6.)

- Sir Halford Mackinder, ilustre homem de ciência, lançou em 1904, diretrizes políticas através dos estudos de geografia:

<b>HEMISFÉRIO AUSTRAL</b>		
3.464.500		
124.000	308.000	
CANADÁ	MEXICO	
2.680.000	126.500	226.00
EE UU	ARGENTINA	BRASIL

<b>UNIAO SOVIETICA</b>
3.600.000

<b>HEMISFÉRIO AUSTRAL COMUNISTA</b>	
93.000	
CUBA	(1)

(1) 230.000 contando a milicia



<b>EUROPA OCIDENTAL</b>			
4.523.000			
34.000	80.000		
NORUEGA	PORTUGAL		
	G. BREITANHA	BELGICA	
765.000	470.000	455.000	180.000
FRANÇA	ITALIA	TURQUIA	GRÉCIA
500.000		560.000	461.000
AL OCIDENTAL	IUGOSLAVIA	ESPAÑHA	
196.500	5.500	141.000	
DINAMARCA	LUXEMBURGO	HOLANDA	

<b>ASIA COMUNISTA</b>		
3.348.000		
		CHINA
		2.400.000 (2)
338.000	280.000	350.000
COREIA DO N.	VIET-CONG	MONGÓLIA
(2) Não conta a milicia (1 cada 3 cidadãos)		

<b>EUROPA ORIENTAL</b>		(Pacto de Varsóvia)	
979.000 (3)			
	257.000	120.000	
	POLÓNIA	BULGÁRIA	
185.000	222.000	80.500	29.000
TCHECO SLOV	ROMÉNIA	HUNGRIA	ALBANIA
	85.000		
AL ORIENTAL			

<b>ASIA PRÓ-OCIDENTE</b>		
1.867.000		
	570.000	235.000
	FORMOSA	JAPÃO
COREIA DO S.	VIETNAM	PAQUISTÃO
602.000	207.000	253.000

<b>ASIA NEUTRA</b>		
685.000		
357.000	120.000	208.000
INDIA	INDONESIA	I R A

(3) 1.264.000 contando as Fôrças Para-militares.

QUADRO 5. Os *Dois Mundos* em presença... Equilíbrio dos *Pólos*. Muda expectativa da América do Sul e África, as interrogações do mundo...

"Quem dominar a Europa Oriental, controlará o coração continental (Alemanha e Rússia)

Quem dominar o coração continental, controlará a Ilha Mundial (Europa e Ásia)

Quem dominar Ilha Mundial, controlará o Mundo."

(Coração do Mundo = Heartland = Europa Oriental

- Examinemos a figura. O *Coração do Mundo* em mãos do Bloco Comunista. A Rússia ultrapassando-o com suas fronteiras e marchando para a conquista da Ilha Mundial. (Quadro 7.) Vejam-se as achúrias, que indicam a sua penetração política (*Satélites*), bem como as direções de penetração que esboça nitidamente (Oceânia — Oriente Médio — África — Europa Ocidental).
- Que diremos ante as previsões de Mackinder?
- E nos perguntamos, que fará, ante tão insólito avanço, o *Bloco Ocidental*? Ante o *Bloco Comunista* que avança e cuja unidade se funda na supremacia da força e da opressão dos povos, expressa no *Pacto de Varsóvia* (1955) sob o tacão moscovita, as Democracias, com fundamento no respeito e na dignidade das nações, se aglutinam por solidariedade, harmonia e confiança mútua, inspiradas nas melhores tradições da civilização cristã, nos tratados e instrumentos internacionais que materializam o *Cinturão Defensivo do Ocidente*. Ei-lo (Quadro 8), ocupando a Linha avançada da Ilha Mundial:

Otan (1949 — Bagdad (1955) — Otase (1954) Sistema Continental Americano (1947 e 48).

### 3) Militar (Quadro 9.)

— Eis a situação no tocante ao poderio militar (início 1963).

"O exército soviético tem condições para iniciar uma guerra terrestre de grande envergadura, sem o uso de armas de destruição em massa e também para lançar uma guerra nuclear total e fornecer potencial humano como "voluntários" a países contíguos à URSS e vulneráveis à exploração soviética. O Governo Soviético pode lançar mão de qualquer um desses recursos na convicção de que seu país constitui atualmente a única potência mundial que dispõe de grande preponderância de forças terrestres e possui a capacidade imediata de mobilizar e equipar amplas e bem treinadas reservas."

— "Os exércitos ocidentais estão em condições de levar a guerra sob qualquer forma, a qualquer continente, em questão de horas; fornecer potencial humano; dispor de recursos materiais e resistir à destruição da guerra nuclear (devastação), em melhores condições morais, políticas e psicológicas do que o bloco soviético."

### b. Rumos a seguir

- (1) O meio-mundo comunista disputa a posse do outro meio-mundo: é a configuração do seu princípio da *Unicidade*.



QUADRO 6. Geopolítica mundial. Compreensão da teoria de Mackinder face à bipolarização do mundo.



QUADRO 7. A Rússia tentando a conquista da Ilha Mundial através de penetração territorial e política.



QUADRO 8. Atitude do Ocidente. Cinturão defensivo do Ocidente opoñdo-se, por alianças, ao avanço comunista.

QUADRO 9. Poderio MILITAR dos BLOCOS (Pólos)

ALGUNS DADOS ESTIMATIVOS DO PODER ESTRATÉGICO  
PRINCÍPIOS DE 1963

CATEGORIA	Alianças Ocidentais	Bloco Comunista
— MBIC (mais de 2000 milhas de alcance) . . . . .	450 — 500	75
— MBAM (700 — 2000 milhas de alcance) . . . . .	250	700
— Bombardeiros de longo alcance (mais de 5000 milhas) . . . . .	630	200
— Bombardeiros de alcance médio (mais de 2000 milhas de alcance, inclusive os maiores aviões baseados em navios-aeródromo) . . . . .	1630	1400
— Encouraçados e navios-aeródromo . . . . .	40 (36)	—
— Submarinos nucleares * . . . . .	32	12
— Submarinos convencionais . . . . .	212 (48)	445 (50)
— Cruzadores . . . . .	29 (31)	20 (10)
— Navios-escola . . . . .	842 (265)	124 (365)
— Carros-de-combate ** . . . . .	16 000	38 000
— Potencial humano mobilizável (exclusive forças paramilitares) . . . . .	8 000 000 homens	7 700 000 homens

OBSERVAÇÕES:

Os navios em reserva aparecem entre parênteses.

\* Incluem-se os submarinos armados de mísseis bem como, os de perseguição.

\*\* Incluem-se muitos tipos obsoletos.

(2) As Democracias continuam na Defensiva (cinturão *defensivo* do Ocidente) e, o seu passo mais atual, foi a parada dos Exércitos aliados às portas de Berlim, permitindo aos russos a posse da capital derrotada do III Reich.

(3) A tese de Coexistência Pacífica, que aliás Moscou preconiza e Pequim não aceita de bom grado, representa uma imobilização das democracias, enquanto

- o bloco comunista age por *infiltração* e *osmose* (Guerra Revolucionária, Guerra Fria).
- (4) Os índices veementes de cisão no que se julgava o "Inquebrantável Bloco Comunista", devem ser explorados a fundo, mas não descuidando a enorme verdade do nascimento do *Dragão Chinês*, capaz de proporcionar uma nova *Invasão de Bárbaros*.
  - (5) A REVOLUÇÃO DE 31 de março já fez sentir no ambiente internacional o pêso das suas influências, pois que, liderando, o Brasil, a Reunião da OEA, possibilitou a recente enérgica declaração dirigida a Cuba no sentido de uma contenção, mesmo com apêlo às armas, da sua intromissão subversiva no continente.
  - (6) A nossa guerra tem características de *Perenidade* ou de *Eternidade*. Vencedoras no mundo, as Democracias terão de enfrentar a *Guerra Invisível* dos inconformados; verificado o contraquadro, terão as Democracias de sobreviver através da luta subterrânea. Essa parece ser a fatalidade histórica, até que se verifiquem as predições do Apocalipse. Para tal realidade é que devemos preparar o nosso espírito e o nosso coração, porque, para os comunistas, *Mao Tse Tung*, ampliando o conceito de Luddendorf de *Guerra Total*, fixou a palavra de ordem:

*Permanência* = prosseguimento na missão  
*Unicidade* = união dos proletários do mundo  
*Universalidade* = domínio do mundo;

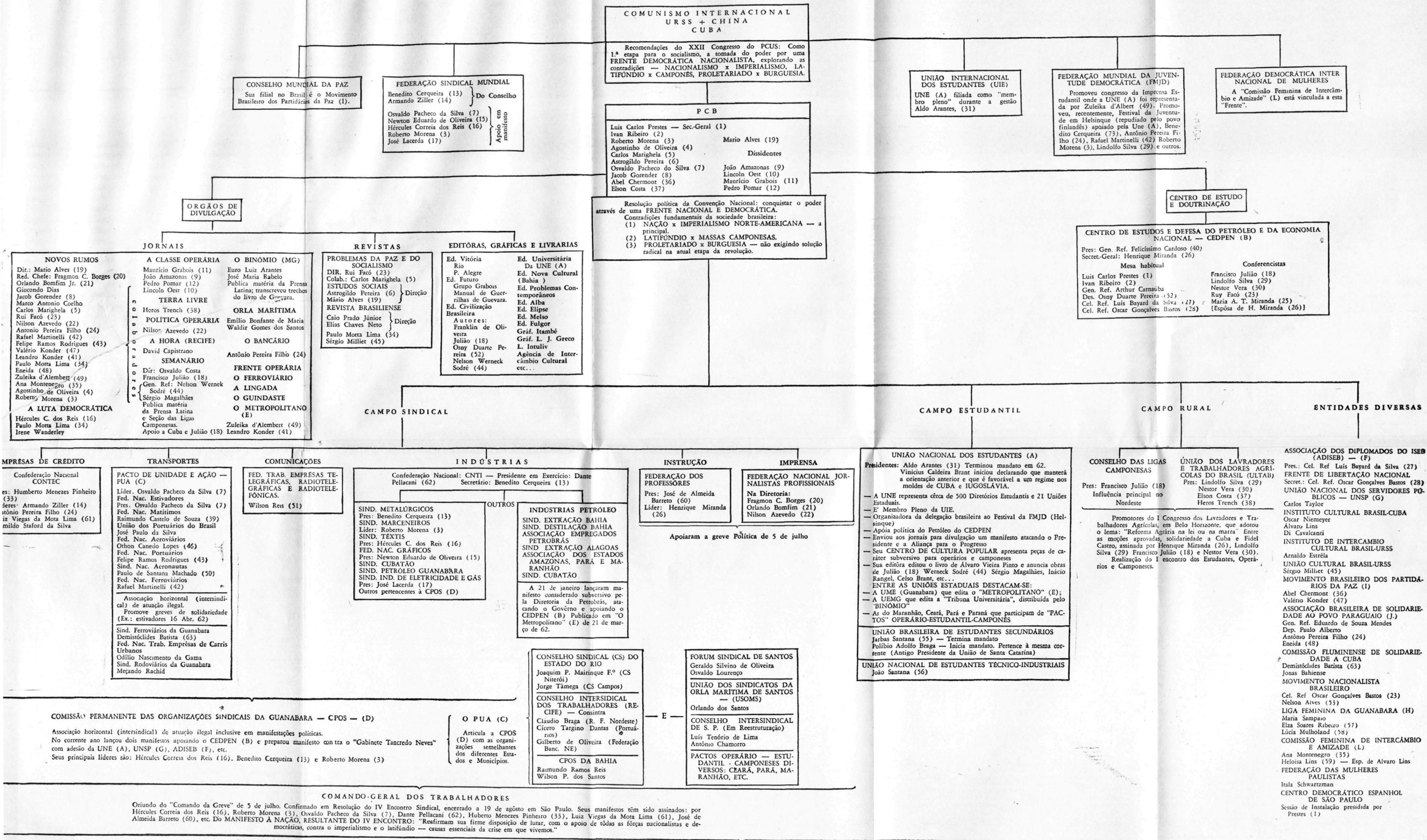
e, nós Democratas, recebemos de Deus, através da História, a Missão Sacrossanta de manter acesa no mundo a *Luz da Liberdade* cujo preço é a *Eterna Vigilância*, que tem custado "*Sangue, Suor e Lágrimas*."

#### BIBLIOGRAFIA

1. *Mensário de Cultura Militar* — EME — N.os Dvs.
2. *O Livro Branco da Guerra Revolucionária* — Pedro Brasil — Editôra Globo — 1963.
3. *Ideologias em Conflito* — USAF — Tradução do EMFA
4. *Artigos Diversos* — dos jornais "Correio do Povo", de Pôrto Alegre, e "Jornal do Brasil", da Guanabara.
5. *A Segurança Nacional* — Gen. Aurélio de Lira Tavares — B. Ex. Editôra — 1958.
6. *A Guerra Política, ARMA DO COMUNISMO INTERNACIONAL* — Suzanne Labin — 1960.
7. *Situação dos Vários Países face à Infiltração Comunista* — Dados 1964.
8. *Conferências e Declarações* — Padre Jesuíta Jean Yves Calves, em São Paulo — Agôsto 1964 — "O Globo", 20 de agôsto de 1964.
9. *Sombras e Luzes sobre o Mundo* — Ten.-Cel. João B. Peixoto — B. Ex. Editôra — 1953.
10. *A Guerra Civil Espanhola* — Hugh Thomaz — Editôra Civilização Brasileira — 1964.
11. *O Retrato* — Osvaldo Peralva — Editôra Globo — 1962.
12. *Relatório Geral Inicial — da Comissão Consultiva Especial de Segurança contra a Ação Subversiva do Comunismo Internacional* — OEA — 1962.

# AMOSTRA DA INFILTRAÇÃO COMUNISTA

Os números e letras entre parênteses caracterizam as articulações, pela sua repetição em diversos órgãos.



## A Influência do Castrismo na América Latina

---

BRIAN CROZIER

O Castrismo está perdendo terreno entre os intelectuais da América Latina. Isto se pôde comprovar falando com escritores, professores e estudantes durante uma recente viagem que começou em Santiago do Chile para terminar no México, passando por Buenos Aires, Rio de Janeiro, Lima e Caracas. Em tôdas estas cidades, em contato com a esquerda intelectual e em Buenos Aires e Lima, particularmente, tive numerosas conversações com a juventude estudantil. O fenômeno que assinalo está bastante difundido, pois é encontrado em tôda parte. Note-se que o castrismo que perde terreno, não é, necessariamente, o "marxismo" (térmo que convêm pôr entre aspas, já que a miúde corresponde mais a uma atitude emotiva ou a uma tomada de posição sistemática do que a um compromisso político preciso).

Para compreender bem o que que sucede atualmente, é preciso, colocar o fenômeno em seu contexto latino americano. Em geral, o complexo "anti-ianque" está suficientemente arraigado em tôda a vasta região sul, de modo que um demagogo qualquer, imbuido de anti-americanismo, pode facilmente encontrar audiência junto ao povo e seus dirigentes.

Durante os dois primeiros anos da revolução castrista, isto foi, mais ou menos, o que sucedeu com Fidel Castro.

O espalhafatoso chefe revolucionário de uma pequena ilha, ao largo da costa da Flórida, lançava um desafio aos poderosos Estados Unidos. O público latino americano (permitindo-se desta vez a generalização) se iludia a contemplar a luta de "David e Golias" e por extensão, se colocava também no pa-

pel de David. Para os intelectuais, em particular, a tendência social e política do regime cubano não era motivo de desagrado. Antes, pelo contrário, causava-lhes grande euforia que um revolucionário, homem de esquerda, insultasse o gigante do Norte, o anglo-saxão do "big-stik". Nestas condições, como explicar a perda da popularidade de Fidel Castro entre os que, há 3 anos, o aclamavam sem discriminação?

As razões são, sem dúvida, complexas, mas a razão profunda se resume na observação de um professor argentino: "De que me serve — disse-me êle — mudar um dono por outro?"

O argumento é claro. Não é sua confissão de marxista arrependido o que se reprova a Fidel Castro (ainda que pareça dar razão aos que sempre disseram, sem ter bastante provas, que êle era comunista o que fazia rir aos intelectuais). Nem tampouco a assistência econômica que Cuba recebia do bloco soviético, o que era consequência normal do desafio lançado aos Estados Unidos. O que surpreendeu a tãda a América Latina, inclusive aos intelectuais, foi a crise de outubro de 1963 e a evidência inegável que demonstrou. Castro não se havia limitado a aceitar uma ajuda econômica, que Cuba não necessitava, mas também havia permitido a Kruschew transformar a ilha

numa base soviética de lançamento de foguetes nucleares. Desta crise, K saiu humilhado e Castro diminuído. Um David que provoca um Golias em combate singular, é um herói, mas aliado a um Hércules soviético, perde seu heroísmo.

Se se quiser levar mais adiante a análise, poder-se-iam discernir também outras razões da suposta admiração castrista na América Latina. Sobre êste ponto convém, antes de tudo, notar que entre os admiradores de Castro, — aquêles da primeira hora, — houve um grande número de autênticos democratas que não se davam conta de que êle conduzia Cuba ao comunismo e que admiravam, então, no homem de Sierra Maestra, um revolucionário capaz de instaurar uma verdadeira democracia e assegurar o progresso social, depois de derubar Batista. Êstes modificaram, em seguida, sua opinião, como mudaram, também os companheiros cubanos de Castro.

Quando ficou evidente que o regime castrista era uma cópia latinoamericana dos países comunistas, todos êstes democratas de esquerda deixaram de aplaudí-lo e até o combateram.

O entusiasmo castrista, na América Latina, baixou vários gráus e se limitou aos meios comunistas e aos chamados progressistas.

Mas, havendo estourado pública-

mente, nesta época, a rivalidade chino-soviética, os comunistas e seus associados progressistas se dividiram.

Castro, sem dúvida, teve cuidado de não tomar partido abertamente, nesta querela. Não queria romper com Moscou, cuja ajuda econômica lhe era indispensável; negou-se a firmar o tratado de Moscou, mas, adepto da violência revolucionária, sua concepção da tomada do poder o aproximava infinitamente mais a Pequim do que a Moscou.

Em consequência, a direção dos partidos comunistas da América Latina, que permanecera, em conjunto, fiel à linha soviética, embora exaltando o exemplo cubano, não fez nada para inflamar o ardor de seus militantes.

Assim, mais entrouvrou que ativou pró-chineses que, em troca, manifestavam, mais visivelmente, seu entusiasmo pelo "exemplo cubano". Estas considerações gerais são evidentemente relativas, pois o caso da Venezuela enfraquece o que dizemos.

Mas não há dúvida que a dualidade das posições comunistas entre partidários de Moscou e de Pequim contribuiu também, por um lado, para o decréscimo da influência castrista: o exemplo do Brasil sob

Goulart é significativo, a este respeito; os emulos castristas se encontravam mais com o PC dissidente, com Brizola, com Julião, do que com Prestes.

Enfim, para compreender também porque enfraqueceu o Castrismo na América Latina, é interessante notar que para isto também contribuiu a desapareição das embaixadas cubanas e das missões comerciais, de que Castro usou e abusou largamente no seu trabalho de propaganda e subversão.

Comprovar a perda de prestígio que sofre Castro não equivale, sem embargo, a pretender que o castrismo tenha cessado de ser um problema na América Latina. A atividade subversiva dos agentes de Castro continua, apesar do balanete relativamente débil dos êxitos registrados em diversos países.

A segunda Declaração de Havana, lida por Fidel Castro em fevereiro de 1962, conclamava os povos latinoamericanos para que derubassem seus governos. Antes desta conclamação os agentes castristas haviam começado seu trabalho de sapa, na maior parte da América Latina. Em novembro e dezembro de 1962, o trotskista peruano Hugo Blanco, apoiado por Cuba, lançou uma campanha de terrorismo, que acabou num fracasso total e na sua detenção. A 16 de janeiro de 1963 Fidel Castro expressava sua amargura ante a ti-

midez dos revolucionários latinoamericanos; mas a 26 de julho, aniversário do Movimento que tem este nome, tornava a lançar sua chamada revolucionária aos "povos" da América Latina. "Em muitos países latinoamericanos — declarava — as condições revolucionárias são incomparavelmente melhores do que o eram em nosso país". Seu lugar-tenente, o argentino "Che" Guevara, especialista em guerras de guerrilhas, num artigo aparecido pouco tempo depois na revista "Cuba Socialista", preconizava a rebelião armada nos países da América Latina, afirmando que a insurreição forçaria o Exército a intervir, assinalando assim o caráter reacionário e violento da oligarquia.

Esta teoria, como se sabe, foi posta a prova na Venezuela durante a campanha eleitoral presidencial no curso do ano de 1963. O Governo Betancourt não se inclinou frente ao terrorismo urbano e a criação de um "maquis" pelas Forças Armadas de Libertação Nacional, controladas pelos Castro-Comunistas. O Exército não interveio e as eleições presidenciais tiveram lugar, como se havia previsto. A estratégia castrista fracassou sobre todos os pontos. Sem entrar em detalhes de situações, me limito a observar que a experiência venezuelana se repetiu em outros lugares — às vezes com diferenças im-

portantes — especialmente na Nicarágua, na Guatemala e na Colômbia, o que não impediu Fidel Castro, a 26 de julho de 1964, de lançar de novo a chamada revolucionária do ano precedente. Ante o fracasso de sua política de violência, cessará o ditador cubano de imiscuir-se nos assuntos de seus vizinhos? Erraríamos se o acreditássemos, e a reaparição do terrorismo na Venezuela, nos últimos tempos, indica o contrário. E, sem embargo, a própria leitura de certos textos comunistas poderia fazer Fidel Castro refletir. Em seu número de março de 1964, por exemplo, a Revista Marxista Mundial publicava, em sua edição de língua espanhola, um artigo de Hugo Barrios Klee, comunista guatemalteco, no qual este declarava que a experiência de Cuba não devia, necessariamente, servir de exemplo a outros países da América Latina. Barrios Klee punha assim o dedo na chaga, observando que, na América Latina, a classe média urbana fazia o verdadeiro papel revolucionário. E' fato que, na Venezuela, onde o esforço castrista tomou uma certa amplitude, nem os camponeses nem os operários se sentem muito atraídos pelas "Forças Armadas de Libertação Nacional", constituídas muito amplamente por estudantes da classe média. Os sindicatos, controlados em grande parte pela velha guarda de Ação Democrática

(tendência Betancourt), figuram entre os mais ardorosos adversários do Castrismo e entre os que mais se revoltaram com o descobrimento de depósitos de armas cubanas em território venezuelano. Durante a visita do gen. De Gaulle a Caracas, o Chanceler Couve de Murville extranhou que os sindicalistas reprovassem a atitude da França a respeito do bloqueio comercial de Cuba. Citemos, também, a opinião de um comunista Iugoslavo. A 9 de outubro de 1964, Djuk Julius, escrevendo no diário comunista "Politika", ao fim de uma viagem pela América Latina, declarou que as massas venezuelanas não aceitavam a política de violência armada. Pelo contrário, "cansados e desgostosos" com a insegurança permanente pela qual

eram responsáveis ao "FALN", os camponeses ajudavam pouco as guerrilhas e a esquerda se encontrava isolada.

Um movimento que se diz popular, mas que não goza do apóio do povo, está exposto a morrer de inanição. Seria um êrro menosprezar a perseverança dos castristas. O prestígio de Fidel Castro baixou certamente, e os grupos de jovens intelectuais não constituem o "povo". Mas Fidel Castro não parece querer suavizar sua política na América Latina.

E o chefe dos "duros" do PC venezuelano, Eduardo Gallegos Mancera, declarou em outubro, ao fim de uma viagem pelo mundo comunista, que a guerra de guerrilhas continuaria...